

# Jornalistas e cientistas: os entraves de um diálogo

Fabiane M.C.G. Cavalcanti

---

## RESUMO

---

O artigo trata dos fatores que dificultam o relacionamento entre jornalistas científicos e cientistas e mostra que as estratégias jornalísticas de supressão de informações, tradução de termos técnicos, uso de analogias e sensacionalismo não são aceitas pelos cientistas. Isto contribui para que os cientistas se mostrem reticentes à divulgação em massa de suas pesquisas. O estudo demonstra ainda que a insistência dos pesquisadores em ler a matéria antes da publicação e a resistência dos jornalistas em mostrá-la são fatores que dificultam o relacionamento entre eles.

*Palavras Chaves:* divulgação científica – jornalismo científico

---

## RESUMEN

---

El artículo discute los factores que dificultan las relaciones entre periodistas científicos e científicos, mostrando que las estrategias periodísticas de supresión de informaciones, traducción de términos técnicos, uso de analogías y de sensacionalismo non son aceptas pelos científicos. Por eso, los científicos son reticentes em relación a la divulgación massiva de sus pesquisas. El estudio llega a la conclusión que la insistencia de los científicos de leer previamente los artículos y la resistencia de los periodistas in concordar con este procedimiento son factores que dificultan el dialogo entre ellos.

*Palavras claves:* divulgación científica – periodismo científico

---

## ABSTRACT

---

The papers discuss the factors difficulting the relationship between science writers and scientists. It shows the journalistic strategies of supression of informations, translation of technical terms, using of analogies and sensacionalism aren't accepted by scientists. So the scientists are reticent in divulging their researches in large scale. The study concludes that insistence of researchers in reading the article before its publication and the refuse of science writers in permitting it are factors to difficult the dialogue between them.

*Keywords:* scientific divulgement – scientific journalism

## INTRODUÇÃO

O jornalismo científico é um dos novos campos da comunicação que evoluíram no século 20. O progresso da ciência e da tecnologia levou o público a querer e mais informações, em um curto espaço de tempo, sobre os benefícios ou prejuízos que os avanços poderiam causar. Era necessário conhecer o que os pesquisadores estavam tentando fazer e não apenas esperar pela implementação de resultados.

Aliado a esse aumento de interesse, a comunidade científica de vários países também sentiu necessidade de ter o apoio do público para conseguir um maior volume e melhor direcionamento de verbas para pesquisa. Como o que interessa ao público vende e, portanto, interessa à imprensa, as páginas dos jornais de todo o mundo viram-se invadidas pelos temas científicos, antes restritos às revistas especializadas.

O pesquisador espanhol Manuel Calvo Hernando <sup>1</sup> afirma:

*a divulgação da ciência e da tecnologia parece imprescindível no mundo de hoje e nos atrevemos a afirmar que ela está fadada a ser a estrela informativa do jornalismo do século XXI.*

Os jornalistas de ciência, num sentido restrito, são aqueles cujo trabalho é explicar ou traduzir o conhecimento científico ou assuntos a ele relacionados para um público que se encontra, a princípio, fora da comunidade científica. Os temas enfocados neste tipo de texto vão desde pesquisas básicas ou aplicadas em ciência e tecnologia a assuntos ligados ao meio ambiente, incluindo aí as políticas – governamentais ou não – relativas a essas áreas.

A exemplo do avanço do jornalismo científico que ocorreu no resto do mundo, os jornais diários brasileiros ampliaram o espaço concedido à informação científica e tecnológica na década de 80, respondendo à crescente demanda do público por matérias sobre ciência. Pesquisa realizada em 1984 concluiu que os quatro principais jornais diários do Brasil – reservavam, em média, 6,5% do seu espaço editorial para estes assuntos. <sup>2</sup>

Em Pernambuco, os dois maiores jornais em circulação – o *Diário de Pernambuco* (DP) e o *Jornal do Commercio* (JC) – mantêm páginas dedicadas à

---

<sup>1</sup> CALVO HERNANDO, Manuel. 1990. El periodismo del III milênio. *Revista Arbor*. nº 534-35, p. 63.

<sup>2</sup> CHAPARRO, Manuel Carlos. *Jornalismo científico vive fase de contradição no Brasil*. São Paulo (mimeo), 1993. 20p.

ciência, à tecnologia e ao meio ambiente. No DP, são duas páginas semanais no caderno de cultura. No JC, a editoria de Ciência/Meio Ambiente, criada em 1989, circula diariamente com uma página.

Se, por um lado, a disseminação do jornalismo científico ampliou o leque de opções para o grande público, por outro lado, suscitou problemas entre cientistas e jornalistas. Os cientistas temem que a objetividade e o imediatismo jornalísticos simplifiquem em demasia ou deturpam a complexidade de seus trabalhos. Os jornalistas, por sua vez, costumam dizer que os cientistas se mantêm refratários e relutam em fornecer informações.

## **DESCRIÇÃO DA PESQUISA**

O trabalho ora apresentado objetiva identificar os principais pontos de entrave na relação cientista/jornalista, procurando esclarecer os fatores que dificultam o relacionamento entre cientistas e jornalistas e apontar perspectivas de melhoria neste contato. Neste sentido, foi realizada uma pesquisa com cientistas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e jornalistas, que trabalham ou já trabalharam com jornalismo científico no Grande Recife.

Neste estudo, procuramos responder à pergunta "Que fatores dificultam o relacionamento dos cientistas com a imprensa?", que se constituiu no problema de pesquisa. Para tanto, elaboramos três hipóteses de trabalho:

H.1 – A supressão de informações, a tradução de termos técnicos e o uso de analogias são estratégias utilizadas pelos jornalistas que não são bem-aceitas pelos cientistas por darem margem a deturpação, contribuindo assim para acirrar o relacionamento entre estes profissionais.

H.2 – O sensacionalismo imprimido por algumas publicações às matérias sobre ciência contribui para que os cientistas se mostrem reticentes à divulgação em massa de suas pesquisas.

H.3 – A insistência dos pesquisadores em ler a matéria antes da publicação e a resistência dos jornalistas em mostrar o texto são fatores que dificultam o relacionamento entre cientistas e jornalistas.

## **METODOLOGIA**

Para obter os dados necessários à pesquisa, foram entrevistados sete jornalistas e dez cientistas, no período de 21 de abril a 18 de maio de 1993. As entrevistas, elaboradas com base na releitura da bibliografia já selecionada e nas hipóteses de trabalho, abordaram, fundamentalmente, a experiência do entrevistado na área de jornalismo científico, seja como fonte, seja como repórter. As entrevistas foram gravadas em áudio.

Os jornalistas, selecionados com base no critério de experiência em jornalismo científico, pertencem ou pertenceram aos quadros do JC e do DP. Vale ressaltar que foram entrevistados praticamente todos os profissionais que trabalham ou trabalharam com jornalismo científico no Recife. Dos entrevistados, quatro são homens e três, mulheres. Cinco são graduados em jornalismo e dois outros têm formação universitária em outro curso. Os jornalistas que fazem parte da amostra têm de cinco a 30 anos de trabalho em jornalismo e têm (ou tiveram) de três meses a 25 anos de experiência em reportagem sobre temas científicos.

Para a seleção dos cientistas, foram utilizados os seguintes critérios: ser pesquisador da UFPE e ter tido seu trabalho já divulgado por meio de matérias jornalísticas entrevistados.

Por questões metodológicas, ficou definido que seria entrevistado um pesquisador de cada um dos oito centros do campus da UFPE: Centro de Ciências Biológicas; de Educação; de Artes e Comunicação; de Ciências Sociais Aplicadas e Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Também foram incluídas duas unidades de pesquisa existentes no campus: o Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami (Lika) e o Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, que são alvo de várias matérias na imprensa local e nacional.

Foram entrevistados seis homens e quatro mulheres, formando um total de dez cientistas. Cinco deles têm doutorado como grau máximo de formação, dois têm mestrado, um especialização, um pós-doutorado e um livre docência. Os cientistas tiveram de uma a 30 matérias publicadas em jornais sobre suas pesquisas.

As identidades dos entrevistados estão omitidas na pesquisa para preservá-los de quaisquer problemas decorrentes das opiniões por eles emitidas. É importante ressaltar que as palavras jornalista e repórter, apesar de não terem necessariamente o mesmo significado, são usadas, neste trabalho, como sinônimas. O mesmo acontece com os termos cientista e pesquisador.

## ANÁLISE DOS RESULTADOS

O físico Luiz Pinguelli Rosa utiliza as imagens de "camelô" e de "bailarina" numa analogia às atividades desempenhadas por jornalistas e cientistas, respectivamente. Para Rosa, o termo "camelô" refere-se a pessoas de profissões muito pragmáticas, voltadas para venda de um produto ou para produção "o que pode ser tarefa de um jornalista, mas também de um engenheiro, de um economista quase sempre, de um administrador de empresas sempre".<sup>3</sup>

Já "bailarinas", diz Rosa, "são artistas, intelectuais, escritores, professores, pesquisadores, ou seja, profissionais que, mesmo sem desprezar a renda, são geralmente mais interessados na glória. Não são voltados para a produção em si,

mas para atividades mais abstratas e prazerosas, mesmo sendo ambiciosos e valorizando ganhos materiais.<sup>4</sup>

As diferenças evidentes entre as duas profissões, ilustradas de maneira jocosa nestas figuras, já sinalizam para as dificuldades no diálogo entre ambos, Conforme assinala Burkett,<sup>5</sup> tanto os cientistas como os jornalistas procuram conhecer a realidade e, possivelmente, a verdade, e partilham do interesse pela objetividade. Mas ambos freqüentemente discordam sobre os graus de precisão e meticulosidade da reportagem. A realidade para o redator implica o arredondamento e supressão de alguns detalhes porque, do contrário, o público não se interessaria em ler.

A maioria dos jornalistas entrevistados disse que não teve ou teve poucos problemas no relacionamento com os cientistas. Alguns afirmaram só ter tido dificuldades no início. De acordo com eles, o maior problema é o primeiro contato. A resistência natural é maior no início porque as informações são técnicas e, portanto, exigem um apuro maior. Mesmo assim, os jornalistas ressaltam que depois que sai a primeira matéria boa, a fonte adquire confiança. "Como em qualquer área do jornalismo, as fontes precisam de provas de que você é confiável", afirma o jornalista 2.

Apesar de a maioria dos jornalistas dizer que não teve problemas no relacionamento com os pesquisadores, em praticamente todas as entrevistas ficou evidente que sempre há dificuldade no acesso às fontes. Há uma idéia de que a comunidade científica costuma se encastelar numa "torre de marfim". Mesmo considerando este fato, a maioria dos cientistas disse nunca ter se negado a dar entrevista. Da mesma forma, a maior parte dos jornalistas afirmou que ninguém nunca se recusou a dar entrevista ou não se lembra de alguma recusa.

Oito dos dez cientistas entrevistados já tiveram problemas com as matérias publicadas sobre suas pesquisas. A maioria dos problemas citados refere-se à interpretação errada e à deturpação das informações dadas pelo cientista. Os pesquisadores ficam sempre preocupados em como a matéria vai ficar e riem de certas reportagens, "onde saem coisas que todo mundo aqui sabe que você não é capaz de dizer portanto foi interpretação do jornalista", como afirma o cientista 4.

---

<sup>3</sup> BRASIL, Secretaria Especial da Ciência e Tecnologia. 1989, *Guia Prático para Camelôs e Bailarinas*; debate sobre jornalismo científico, Brasília, Assessoria de Comunicação Social, 50, p. 19.

<sup>4</sup> BRASIL, Secretaria Especial da Ciência e Tecnologia. *Guia prático para camelos e bailarinas...*, p. 20.

<sup>5</sup> BURKETT, Warren. 1990. *Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. 229p.

Um dos pesquisadores diz que certa vez deu uma entrevista sobre amebas junto com um professor de origem japonesa, traduzindo o que o professor falava para o repórter. "O japonês afirmou em dado momento, e com razão, que as amebas que nós temos aqui não são patogênicas, não produzem doenças, mas levam a culpa de muitas enfermidades que são causadas por outros organismos. Portanto ele não via necessidade de tratar as amebíases porque elas nunca iriam produzir diarreias, muito menos invadir o organismo provocando abscessos. Em determinada parte da matéria, o jornalista dizia que as amebas eram benéficas. Ora de não serem patogênicas a serem benéficas há uma diferença enorme", conta ele.

Segundo ele o cientista, esta matéria foi motivo de piadas e as experiências negativas foram tantas que chegou ao ponto de o chefe do laboratório proibir que fossem dadas entrevistas sem sua permissão. "Depois de algum tempo não houve mais problemas e saíram boas matérias", completa.

O pesquisador 3 enfatiza que 90% das entrevistas que concedeu saíram com deturpações, umas mais sérias, outras menos. Para ele, o mais grave é quando o jornalista começa a atribuir ao cientista coisas que ele não disse. "Se é um jornal de ampla circulação, quem lê aquilo vai considerar você como um mentiroso ou charlatão".

O destaque sensacionalista nos títulos também está no rol dos problemas enfocados pelos cientistas. O pesquisador 6 conta que durante uma entrevista disse que o cloro na água produz substâncias chamadas clorofórmios e que elas são cancerígenas acima de um determinado limite. O título saiu: "Cloro na água dá câncer". "Isso é uma irresponsabilidade. Sou a favor de que se gravem as entrevistas. A manchete tem que ser apelativa, mas não pode distorcer o conteúdo das informações", diz ele.

O problema mais abordado pelos jornalistas entrevistados como fator que dificulta o relacionamento entre os pesquisadores e os repórteres foi a diferença da linguagem utilizada por ambos. "Não há comunicação. Falamos linguagens diferentes para públicos diferentes", destaca o jornalista 1.

Os cientistas concordam que a diferença de linguagens é um fator que contribui para dificultar seu relacionamento com a imprensa. "Nós temos o vício terrível de ter uma linguagem muito hermética, muito preocupada com a definição de conceitos precisos. Já o jornalista tem que transmitir a coisa de uma forma que não só os acadêmicos entendam, graças a Deus. Não tem escrito em lugar nenhum que a gente tenha que falar de forma incompreensível, muito pelo contrário", analisa o cientista 8.

Para o cientista 1, os pesquisadores têm uma pretensa inabilidade de falar a linguagem popular. "Todo mundo, quando quer, é capaz de explicar a coisa mais complicada do mundo numa linguagem que o peão entenda. Muitas vezes, quem fala numa linguagem assim quer esconder sua ignorância por trás de pala-

vras complexas. A formação do cientista é muitas vezes, deficiente, portanto ele usa essa linguagem difícil para que, se sair alguma coisa errada, ele diga que foi o jornalista que não entendeu direito", diz ele. Contrariando essa opinião, o cientista 3 afirma que lamentavelmente nem toda pesquisa pode ser transmitida num linguajar comum e popular.

O cientista 1 acrescenta que o jornalista, em geral, não tem nenhuma formação na área científica que aborda nas entrevistas, nem informação anterior. Por esta razão, ele diz que muitas vezes a entrevista torna-se difícil. O repórter 1 afirma que quem trabalha com ciência precisa começar a aprender determinadas palavras-chave e entender um pouco de metodologia, o que, para ele, é fundamental. "A unificação das linguagens – entender o que o cientista diz e fazer com que ele entenda o que você está perguntando – é uma barreira que o repórter tem que transpor", justifica ele. "Esteja preparado para encontrar irracionalidade em pessoas que consideram a racionalidade como seu ponto mais forte".<sup>6</sup>

A advertência do estudioso em jornalismo científico vem a calhar quando se fala nas reclamações dos cientistas em relação ao texto jornalístico. Para os jornalistas, as maiores queixas dos pesquisadores referem-se ao enfoque da matéria, ao uso de termos técnicos desapropriados e à deturpação das informações fornecidas.

Muitas vezes o enfoque dado à matéria não é o que o cientista esperava ou gostaria que fosse. O repórter 5 afirma que o critério de hierarquia da notícia choca os pesquisadores. O jornalista 1 ilustra a situação com o exemplo de um cientista que está fazendo uma pesquisa sobre a produção de papel usando caule de bananeira. Para ele, o pesquisador está muito mais preocupado com quantos gramas de soda cáustica ou de cloro vai usar para branquear. "Entretanto, jornalisticamente é mais importante dizer ao pequeno produtor que a bananeira que ele tem no fundo do quintal, que é tratada como lixo, serve para fazer papel".

O erro nos termos técnicos é outro sério problema porque pode comprometer o pesquisador. Basta trocar uma palavra ou a sua ordem para mudar o sentido do que foi dito. O cientista 6 conta que empregou em uma entrevista o termo "degradável" referindo-se a um tipo de plástico e, na matéria, o jornalista colocou "biodegradável", tomando a afirmação do pesquisador cientificamente errada. Para evitar esse tipo de erro, o mais aconselhável é checar todos os termos técnicos – inclusive sua grafia – com a fonte.

Burkett afirma que uma das formas de estimular o aumento do nível de leitura das matérias é colocar a informação científica de forma sensacionalista. Mas o sensacionalismo não é bem visto pela comunidade científica. Para os cien-

---

<sup>6</sup> BURKETT, W., *op. cit.*, p. 3.

tistas entrevistados, este é um dos principais problemas que dificultam o relacionamento entre os pesquisadores e a imprensa. A maioria deles acha que a imprensa trata a ciência com sensacionalismo. O cientista 6 afirma que a exploração de um lado que não interessa é motivada pela "formação do jornalista na área científica que, às vezes, não é muito abrangente".

Os jornalistas se dividem nas opiniões. Para o repórter 5, a imprensa não trata a ciência com sensacionalismo. "O científico é muito sério mas, dependendo do veículo, você encontra sensacionalismo".

Concordando com esta opinião, o jornalista 7 diz que depende das intenções da empresa jornalística, porém "acontece mais nas outras editorias do que nas da ciência". O jornalista 3 alerta que o sensacionalismo, às vezes, é muito perigoso porque se pode criar expectativas que não correspondem à realidade e há muitos trabalhos que afetam diretamente a vida de milhares de pessoas.

Já o jornalista 4 diz que "a imprensa destaca tolices, enquanto há coisas mais graves e profundas para se realçar. Deveria usar o sensacionalismo no bom sentido para despertar a população para o que há de grave, como as experiências perigosas nos laboratórios".

Para o cientista 1, o pesquisador tem que explicar ao repórter que não pode ser sensacionalista em determinados assuntos. "Não é com um tremendo entusiasmo que a gente vai divulgar que uma bactéria produz uma doença terrível por respeito às pessoas que estão doentes", explica ele. O cientista 6 diz que o sensacionalismo provoca essa reação de afastamento não só no meio científico. Três cientistas entrevistados ressaltam que alguns pesquisadores até gostam do sensacionalismo. Para eles, estes profissionais não são sérios. O cientista 10 diz que "o verdadeiro cientista não gosta de muita publicidade, o que não impede que, de vez em quando, saia uma matéria. O cientista sério não está sempre nos jornais. Se uma pessoa está muito nos jornais, é suspeita", sentencia.

Quem trabalha com jornalismo científico depara-se freqüentemente com os pedidos dos cientistas para ler a matéria antes da publicação. A atitude dos jornalistas diante deste tipo de requisição varia: uns desconversam, outros dizem que podem mostrar a matéria e outros fazem que não escutam. Mas a maioria diz que o jornalista deve mostrar a matéria ou lê-la por telefone se estiver inseguro ou com dúvidas. "Não acho nenhum absurdo voltar para mostrar a matéria, especialmente na área de ciência, tecnologia e meio ambiente, porque são setores onde ou você estuda ou precisa ter orientação. Essa atitude facilita o relacionamento porque mostra que você está preocupado em dar informações corretas, diz o jornalista 2.

Já o repórter 4 afirma, com veemência, que o jornalista profissional, por ética, jamais mostra uma matéria à sua fonte porque ela tem que confiar no repórter. O jornalista 1 diz que, via de regra, repassa todas as informações anotadas



com o pesquisador tantas vezes quantas forem necessárias, até que não haja dúvidas e diz a ele que vai escrever exatamente o que anotou.

A maioria dos cientistas diz que sempre pede para ler a matéria antes da publicação, mas os jornalistas nunca mostram. Segundo os pesquisadores, muitos dos repórteres prometem que vão mostrar e, com raríssimas exceções, dão retorno. "Alguns chegam a dizer 'não tenha dúvida que amanhã eu passo aqui e lhe mostro a matéria' e nunca aparecem", diz o cientista 5. Essa é uma atitude que só aumenta a desconfiança com relação à classe dos jornalistas.

Três cientistas dizem que não pedem para ver a matéria. "Isso é uma afronta ao jornalista, cuja função é produzir um texto para ser lido. É um princípio básico do jornalismo, que eu compreendo do ponto de vista profissional e respeito muito. Se ele pede que eu leia, faço com o maior prazer", justifica o cientista 1.

Numa regra todos concordam. Sempre que o jornalista se sentir inseguro ou tiver qualquer dúvida, deve entrar em contato com a fonte. Para o jornalista Wilson Moherdauí, o bom senso deve prevalecer, mas se o cientista exige isso, por insegurança, ingenuidade ou por alguma idiosincrasia, deve ser convencido a desistir da idéia.

*No jornalismo científico, de toda forma, não me parece grave que uma vez ou outra se concorde em mostrar o texto à fonte antes da publicação. Ao tratarmos de determinados assuntos, pode até ser recomendável fazer isso.*<sup>7</sup>

## CONCLUSÃO

Conforme o exposto na análise dos resultados, a especificidade dos temas do jornalismo científico exigem um apuro técnico maior e uma postura diferenciada tanto jornalista quanto do jornal. O repórter precisa investir nele mesmo, buscando cada vez mais informação para poder efetuar um contato mais integrado com a fonte e se aprofundar nos temas das matérias. Para a empresa, é uma especialidade que custa caro, tendo em vista que, dentro de uma mesma redação, enquanto repórteres de editoriais como geral, política e economia produzem duas ou três matérias numa tarde, os de ciência produzem, habitualmente, uma.

É importante lembrar que os problemas no relacionamento com as fontes não são características exclusivas dos jornalistas especializados em ciência. Os

---

<sup>7</sup> BRASIL, Secretaria Especial da Ciência e Tecnologia. *Guia prático para camelos e bailarinas...*, p. 29.

repórteres de outras áreas também podem se deparar com todo tipo de exigências, de vícios e de mazelas no exercício de sua atividade.

Da mesma forma que jornalistas de política e economia encontram problemas com as fontes por questões de divergências ideológicas, repórteres da área científica enfrentam dificuldades para obter informações por vários motivos, inclusive razões pessoais nem sempre plausíveis. Enquanto alguns cientistas condicionam a concessão de uma entrevista à leitura prévia da matéria, por exemplo, outros evitam divulgar suas informações simplesmente por não confiarem no jornalista.

Os cientistas, por sua vez, queixam-se dos erros nas reportagens, da rearmagem de informações, do sensacionalismo imprimido irresponsavelmente a assuntos sérios em alguns veículos e da deturpação das informações emitidas. Apesar de todos esses protestos, os cientistas foram muito menos "duros" com a imprensa do que era esperado. Frustrando expectativas, desfiaram muito mais ponderações construtivas do que críticas.

Pode-se extrair das entrevistas que há uma satisfação dos repórteres em trabalhar com os temas científicos. Percebeu-se também nos cientistas realmente comprometidos com o desenvolvimento da sociedade uma enorme disposição e boa vontade em tornar públicos seus trabalhos e contribuir para a disseminação do conhecimento. É importante considerar que o jornalismo científico é ainda incipiente no Brasil.

As dificuldades no relacionamento entre cientistas e jornalistas existem, mas são possíveis de serem contornadas por meio de uma maior integração entre repórteres e fontes. A diferença de linguagem entre cientistas e jornalistas, a falta de uma preparação anterior à entrevista por parte do repórter, o sensacionalismo e o jornalista não mostrar a matéria ao cientista antes de ser publicada foram os fatores mais mencionados por pesquisadores e repórteres como entraves no relacionamento entre eles.

Os cientistas não gostam de ver suas pesquisas expostas de forma reduzida ou aumentada demais nas matérias jornalísticas. A hipertrofia e a supressão das informações, além da tradução de termos técnicos, foram criticadas com veemência, confirmando parcialmente a hipótese de trabalho 1 (H.1).

Cientistas e jornalistas concordam que o sensacionalismo contribui para afastar a comunidade científica da imprensa, o que vem confirmar a hipótese 2 (H.2). O sensacionalismo feito exclusivamente com o objetivo de vender jornal, é nocivo a qualquer matéria, ao público, às fontes e à credibilidade dos veículos e dos repórteres. Entretanto, é preciso distinguir este tipo de sensacionalismo do destaque a assuntos com o objetivo de atrair a atenção do leitor. É lógico que os limites entre os dois são muito tênues e passíveis de subjetividade. A prudência é, portanto, o melhor caminho.

Também foi parcialmente confirmada a hipótese 3 (H.3). Apesar de o pedido dos cientistas para ver a matéria ser, muitas vezes, incômodo, submeter o texto antes da publicação à fonte pode ser até uma alternativa para que erros sejam evitados. A maioria dos entrevistados acredita que tudo vai depender do assunto, da maneira como as informações foram passadas e do aprofundamento que se queira dar ao tema. O bom senso deve sempre prevalecer. Não necessariamente voltar todas as vezes com matéria para apresentar ao entrevistado, mas, no caso de dúvidas ou insegurança, o melhor é não hesitar em consultar a fonte. O interesse que tudo saia correto é de ambos.

Um ponto a ser enfatizado é que alguns cientistas queixam-se que a imprensa não os procura freqüentemente e, para eles, não é interessante ficar solicitando divulgação aos jornais. Essa ressalva dos cientistas é pertinente. Entretanto, deve-se levar em consideração que não há uma boa divulgação da produção científica pelos órgãos responsáveis na universidade, não cabendo aqui o julgamento das razões. Por outro lado, também não há pessoal suficiente nos jornais para cobrir todas as áreas científicas.

Os jornalistas também não gostam de quem insiste em "aparecer" mas, considerando as razões acima citadas, sugestões de pauta são sempre bem-vindas. Manter a imprensa informada sobre o que o cientista está pesquisando vai contribuir para que o conhecimento se expanda e não vai denegrir a imagem do pesquisador.

Os fatos aqui expostos não esgotam os limites da abrangência do assunto. Recomenda-se, pois, que esta coletânea de experiências e opiniões possa ser desmembrada em outros estudos. Espera-se também que este trabalho possa contribuir para estender a incipiente bibliografia sobre o assunto disponível no país e que os pontos aqui tocados sejam avaliados, questionados e discutidos por grupos que tenham interesse no assunto, sejam eles de cientistas ou de jornalistas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cientistas e jornalistas: um diálogo ainda não resolvido. *Jornal do Commercio*. Ciência/Meio Ambiente, 31 mar. 1991, p. 7.
- Tecnologia trará solução ambiental, diz jornalista. *Folha de S. Paulo*, 12 jul. 1991.
- BEAUMONT, José Fernandez. 1990. La codificación de los mensajes científicos. *Revista Arbor*, n. 534-535, 1990, p. 73-92.
- BRASIL, Secretaria Especial da Ciência e Tecnologia. *Guia Prático para Camelôs e Bailarinas*; debate sobre jornalismo científico, Brasília, Assessoria de Comunicação Social, 1989. 50p.
- BURKETT, Warren. *Jornalismo Científico*; como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990. 229p.

- CALVO HERNANDO, Manuel. 1990. El periodismo del III milênio. *Revista Arbor*. n. 534-535, 1990, p. 59-71.
- CAVALCANTI, Fabiane. *Agência de Notícias MEIO/UFPE: a experiência em jornalismo especializado*. Relatório parcial de pesquisa, Recife, (mimeo), junho de 1992.
- CAVALCANTI, Fabiane. *Agência de Notícias MEIO/UFPE: a experiência em jornalismo especializado. Relatório de pesquisa, Recife, (mimeo), dez. 1992*.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. 1990. Um modelo jornalístico de divulgação da ciência. *Intercom – Revista Brasileira de Comunicação*. Ano XIII, n. 62-63, p. 129-134.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. *Jornalismo científico vive fase de contradição no Brasil*. São Paulo (mimeo), 1993. 20p.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1991. 170p.
- GOMES, Isaltina Mello, 1993. *Dos laboratórios às manchetes; um estudo sobre a transformação do texto científico em matéria jornalística*. Recife, 1993. 21 p. (Projeto de pesquisa – UFPE/Recife)
- INPE/ABJC (orgs.) 3º Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico (anais), Santos, 16 a 18 de outubro de 1991. 120p.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo. *Pesquisa em comunicação; formulação de um modelo metodológico*. São Paulo: Loyola, 1990. 148p.
- MEDINA, Cremilda. *Profissão jornalista: responsabilidade social*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- MELO, José Marques de. 1982. Impasses no jornalismo científico. *Comunicação e Sociedade – Revista Semestral de Estudos de Comunicação*, Ano IV, n. 7, p. 19-23.
- OLIVEIRA, Fabíola de. *Conferência mundial reúne jornalistas científicos em Tóquio*, São Paulo (mimeo), 1992. 8p.
- PORTELA, Antônio. *Depoimento escrito*. Recife, 23 a 26 de maio de 1993.
- RIVAS, Leda. Entrevista gravada em áudio. Recife, 30 de abril de 1993.
- RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao Método de Pesquisa Científica*. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 128p.